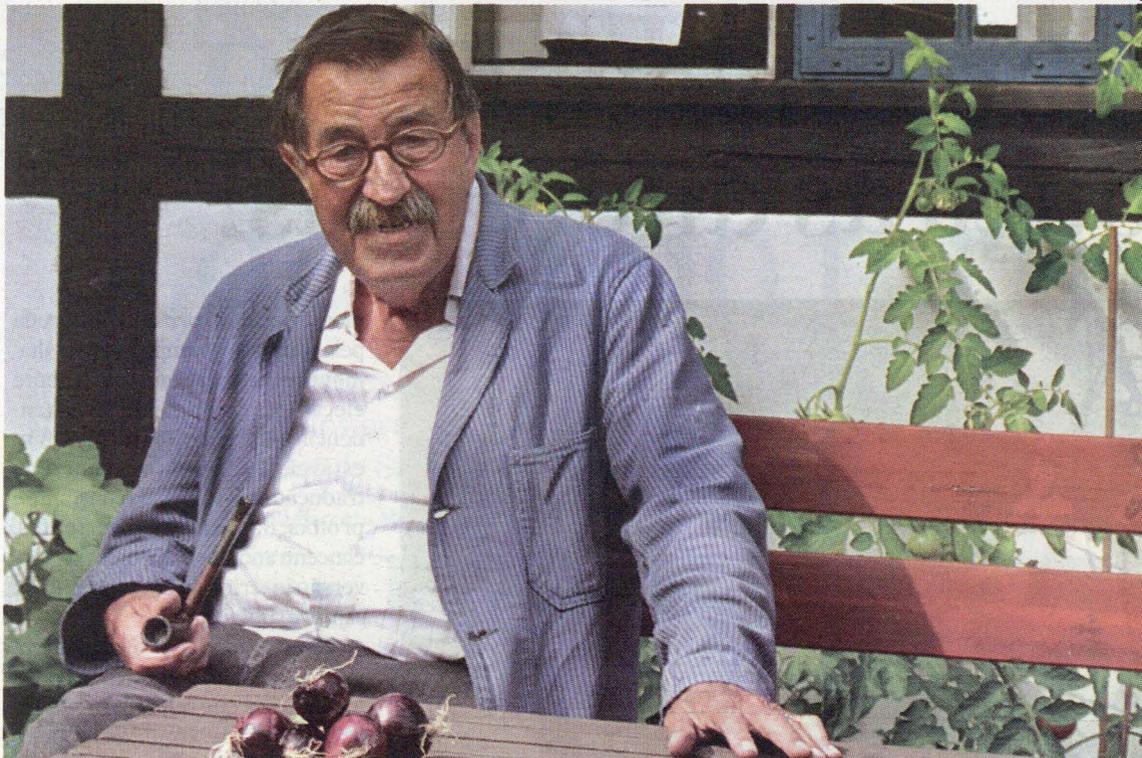


EPA/Lusa-Matthias Hoening



Escritor | Ataques a Günter Grass multiplicam-se nos media alemães, mas o Prémio Nobel também tem defensores

LITERATURA

Alemanha dividida sobre confissão de Günter Grass

Depois de o Prémio Nobel da Paz Lech Walesa ter pedido, na segunda-feira, ao escritor alemão Günter Grass para devolver a sua distinção de cidadão honorário da cidade polaca de Gdansk (ex-Dantzig alemã, onde Grass nasceu, em 1927), após este ter revelado que integrou as Waffen-SS no final da II Guerra Mundial, é agora o PEN Club da República Checa que, de acordo com o diário *Die Welt*, pretende retirar ao autor de *O Tambor* o prémio que lhe concedeu. Grass sempre disse que tinha feito a guerra numa antiaérea.

Na Alemanha, entretanto, ferve a controvérsia sobre a confissão de Grass na entrevista que deu no fim-de-semana ao *Frankfurter Allgemei-*

ne Zeitung, antecipando a publicação, em Setembro, das suas memórias, *Descascando a Cebola*, dividindo editorialistas, escritores, políticos e a opinião pública.

Segundo Joachim Fest, historiador e biógrafo de Adolf Hitler, falando à *Der Spiegel*, “a confissão chega tarde, sobretudo vinda de alguém que durante décadas se apresentou como a instância moral do país”. Fest sublinha que o deplorável não é Grass ter sido chamado para as fileiras das Waffen-SS, mas sim tê-lo escondido durante tanto tempo. “Eu e muitos camaradas de escola fomos voluntários para a Wehrmacht porque sabíamos que assim evitaríamos acabar nas Waffen-SS”, declarou.

Muito mais violento é o crítico literário Helmut Karasek, que chama a Günter Grass “apóstolo moral

com lacunas na memória”, frisando que o facto de este ter pertencido às Waffen-SS aos 17 anos “seria em si uma coisa menor, não fosse o facto de ele ser aquele que agitou o cacete da moral com mais frequência”.

Pelo mesmo diapasão afina o director do diário *Tagesspiegel*, Stephan-Andreas Casdorff, que frisa: “A pessoa política de Grass decepcionou leitores, colegas e defensores dos direitos humanos”, rematando que “Grass volta a conseguir que todos o ouçam, embora sem o merecer”.

Outro historiador, Michael Wolffsohn, relembra que, quando em Abril de 1985 o então chanceler alemão Helmut Kohl e o falecido presidente dos EUA Ronald Reagan visitaram o cemitério militar de Bitburg, onde estavam também se-

Livros em português

☉ 'O TAMBOR' Estúdios Cor

☉ 'O CÃO DE HITLER' Estúdios Cor

☉ 'O GATO E O RATO' Publicações Europa-América; reeditado pela Editorial Notícias

☉ 'O LINGUADO' Inquérito

☉ 'A RATAZANA' Dom Quixote

☉ 'MAU AGOIRO' Bertrand

☉ 'UMA LONGA HISTÓRIA' Presença

☉ 'O MEU SÉCULO' Editorial Notícias/Círculo de Leitores

☉ 'A PASSO DE CARANQUEJO' Editorial Notícias

pultados militares das Waffen-SS, Günter Grass protestou contra a visita, em vez de se ter levantado e declarado “Eu também estive lá”.

A favor do autor falou o seu também polémico colega Martin Walser, criticando a “campanha” posta em marcha contra Grass, que dá “uma péssima imagem da incapacidade alemã de encarar a História”, tal como o também escritor e filólogo Walter Jens, que considera a confissão do escritor “equilibrada, precisa e razoável”.

Também do lado do SPD, o Partido Social-Democrata alemão, que Günter Grass sempre apoiou, chegam apelos à moderação. O seu presidente, Kurt Beck, apelou à não condenação do Nobel da Literatura, personalidade que “já enfrentou capítulos muito duros da sua vida”. ■